

## Quem são e o que buscam na escola os estudantes da educação profissional e do ensino médio noturno?

### Resumo

Apresentamos o relato de pesquisa realizada com estudantes de ensino médio e educação profissional de oferta noturna de dezoito escolas públicas de Curitiba e Região Metropolitana. Os resultados da primeira etapa do estudo mostram o perfil dos alunos e as motivações para continuarem estudando, mesmo quando precisam conciliar o desejo de estudar com a necessidade de trabalhar. Os dados foram obtidos mediante a compilação, categorização, tabulação estatística e análise de um questionário semiestruturado preenchido por 4.143 alunos. Os resultados revelam que o ensino médio noturno compreende um conjunto amplo de jovens e adultos trabalhadores com baixos níveis de renda familiar, que buscam na escola a satisfação das suas necessidades de inserção socioeconômica, o que compreende não só a formação profissional e a certificação técnica. A convivência com colegas e professores amplia o sentido da escola, que passa pela aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades, mas que compreende a satisfação das necessidades de pertencimento a outros grupos sociais para além da família e do trabalho.

**Palavras-chave:** Ensino médio. Juventude. Trabalho. Educação profissional técnica de nível médio.

**Márcio Luiz Bernardim**  
UNICENTRO - PR  
marcio.bernardim@gmail.com

## Considerações iniciais: do contexto à empiria

O ensino médio tem se constituído, no Brasil, em campo de disputa entre ideologias e em etapa mais suscetível à experimentação de políticas educacionais que tentam responder, muitas vezes atropeladamente, aos reclames da sociedade civil, do sistema produtivo e dos educadores. Apesar disso, há anos que as matrículas giram em torno de 10 milhões, estando aquém do necessário para acolher minimamente os 34 milhões de brasileiros que estão na faixa etária entre os 15 e os 24 anos, ou os 51 milhões que estão na faixa entre os 15 e os 29 anos (IPEA, 2008), boa parte dos quais sem ter concluído o ensino médio ou sequer o ensino fundamental.

De acordo com Simões (2010), o estudo desse nível escolar pode ser tomado sob duas perspectivas: daqueles que estão na faixa entre 15 e 17 anos, época considerada regular; daqueles que, com idade de 18 anos ou mais, ainda não tiveram a chance de concluir a etapa final da educação básica. Em ambos os casos representam muita gente, sinalizando as dificuldades que o Brasil precisa enfrentar para inserir na escola a grande parcela da sua população que ainda não concluiu a educação básica.

Uma mostra desse cenário de incerteza com relação ao ensino médio, e de insegurança em relação ao seu futuro, é a profusão de leis, diretrizes e políticas que permitem, por um lado, vislumbrar um campo aberto para alterações que possam melhorar sua oferta, mas que ao mesmo tempo representam retrocessos, subordinando os interesses públicos aos objetivos de ganhos por parte do sistema produtivo e dos grupos que o apóiam.

Um exemplo dessas políticas é o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (PRONATEC), que surgiu como alternativa à formação dos trabalhadores demandados pelo sistema produtivo em expansão. Para esse programa também convergiu o interesse dos grupos envolvidos com os grandes eventos internacionais a serem realizados no Brasil, dando ensejo ao Pronatec-copa e ao Pronatec-copa na empresa, destinados a oferecer cursos de curta duração, de grande apelo mercadológico, mediante o aporte de vultosos recursos públicos.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Criado pela Lei n. 12.513/2011 (BRASIL, 2011), o PRONATEC surgiu no contexto de uma grande pressão do

Outro exemplo mais recente é o Projeto de Lei 6.840/2013 (BRASIL, 2013), que propõe uma revisão geral na forma e no conteúdo do ensino médio. Ainda em discussão na Câmara dos Deputados, os setores mais críticos apontam para uma perigosa retomada do tecnicismo que marcou o ensino médio da década de 1970, e para a expulsão dos estudantes mais pobres da escola, tendo em vista a proibição de matrículas noturnas para os menores de 18 anos e, ao mesmo tempo, a oferta de educação “integral” de 7 horas na oferta diurna. Segundo essa lógica, os mais pobres, que precisam conciliar trabalho e estudo, estariam impedidos de estudar, uma vez que a opção pelo trabalho já estará dada pela sua condição de classe.

Por outro lado, no momento em que redigimos este texto e depois de quase quatro anos do início da sua proposição, o Projeto de Lei 8.013/2010, que estabelece o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011/2020 ainda não foi aprovado. Nesse caso, o atraso representa um prejuízo, tendo em vista que a versão original visava assegurar mais recursos, vinculados ao Produto Interno Bruto (PIB), para a educação.

Assim, enquanto as políticas educacionais não avançam no ritmo que precisamos, é necessário conhecer os estudantes que, apesar das dificuldades, mantêm a expectativa de concluir a última etapa da educação básica, fazendo o esforço de estudar à noite, para poder trabalhar durante o dia.

Para compreendermos os dados da pesquisa empírica realizada, lembramos algumas mudanças recentes na legislação educacional brasileira, as quais repercutem outras alterações mais amplas na orientação da sociedade contemporânea. Dentre elas estão os dispositivos que ampliam o atendimento escolar público para toda a população de 4 e 17 anos e a obrigatoriedade de oferta de ensino médio público e gratuito.

Corti (2010) chama a atenção sobre a compulsoriedade do ensino médio como algo que merece melhor compreensão, tendo em vista os modelos em vigência no Brasil

---

sistema produtivo, que defendia a tese do “apagão de mão de obra” como causa das dificuldades do crescimento econômico no Brasil. Na sua concepção, visou à ampliação do acesso à educação profissional e tecnológica, mediante o aumento das vagas na rede federal, o fomento à ampliação das vagas nas redes estaduais, a concessão de bolsas e o atendimento aos beneficiários do Seguro-Desemprego.

e a necessidade de se observar as distintas “juventudes” e as realidades socioeconômicas em que estão inseridas.

No que se refere à qualidade do ensino médio, a discussão passa pela redefinição do papel da escola, pelo reconhecimento e socialização das boas práticas pedagógicas e pelo incentivo às iniciativas inovadoras, levando-se em conta as especificidades do público atendido, da região de atuação e dos objetivos formativos.

A questão curricular é fundamental para que se possa conciliar a universalização (para o grupo etário dos 15 aos 17 anos) ou expansão (para o grupo com 18 anos e mais) com a requerida qualidade. Um exemplo de indução para a melhoria da qualidade, cujos resultados ainda estão em processo e requerem avaliação, é o Programa Ensino Médio Inovador (MEC, 2009), criado para estimular as redes públicas estaduais de ensino na experimentação de novos modelos curriculares, mediante apoio técnico e financeiro da União.

Parece-nos, portanto, ser esse o caminho da construção de um ensino médio que acolha os jovens e adultos, mantenha-os na escola e proporcione uma formação de qualidade:

A definição de políticas públicas mais adequadas e exitosas para o ensino médio passa hoje pelo debate sobre sua identidade, seu currículo e seus objetivos – definição que, acreditamos, deve estar amparada não só em estudos, pesquisas, conhecimentos acumulados, mas também no debate com a sociedade. (CORTI, 2010, p. 57).

Se a escola interfere em maior ou menor grau na vida daqueles que a frequentam, isso depende do significado que tem para eles e das respostas que apresenta às suas necessidades e seus projetos de futuro.

O aumento da escolaridade coincide, em geral, com maiores chances de conseguir empregos formais, algo decisivo para os jovens [...] Enxergando por esse prisma, é possível afirmar que os condicionantes sociais que delimitam determinada estrutura de transição (processo de mudanças para distintas situações de vida) interferem na constituição das trajetórias sociais dos jovens, na constituição de seus “modos de vida” e na possibilidade que encontram de elaborar seus sentidos de futuro. (CARRANO, 2010, p. 160).

Logo, o projeto de escola que contribua para as trajetórias sociais dos jovens, deverá considerar as vivências, tanto do âmbito escolar quanto da concretude e totalidade da vida que se realiza em espaços e tempos que extrapolam o território especificamente escolar.

Os dados da pesquisa exploratória que aqui apresentamos, são o resultado do primeiro passo para a compreensão da realidade socioeconômica dos estudantes do ensino médio e da educação profissional técnica de nível médio.

### Métodos e técnicas de pesquisa

No esforço de aproximação com a realidade do ensino médio para compreender as relações dos estudantes com a escola, realizamos uma pesquisa exploratória com estudantes da etapa final da educação básica ofertada pela rede pública estadual de Curitiba e Região Metropolitana<sup>2</sup>.

Para atender ao objetivo principal do estudo, utilizamos um *survey*, que se caracteriza como levantamento amostral de dados que têm utilidade “quando há poucos ou nenhum estudo anterior em que se possa buscar informações sobre a questão ou o problema” (COLLIS e HUSSEY, 2005, p. 24) e quando o objetivo principal é a “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. (GIL, 1994, p. 45).

O instrumento de pesquisa utilizado permitiu caracterizar o público e obter respostas a questões de múltipla escolha e a questões abertas, fornecendo informações a respeito dos estudantes do ensino médio e suas relações com a escola. Neste artigo apresentamos os dados que permitiram caracterizar socioeconomicamente os estudantes e apontar suas principais motivações para continuar estudando.

Esclarecemos que a direção e/ou coordenação de curso assinaram termo de consentimento, autorizando previamente a realização da pesquisa

---

<sup>2</sup> Criada em 1973, a Região Metropolitana de Curitiba compreende hoje 29 municípios que, juntos, somam mais de 3,3 milhões de habitantes.

Quem são e o que buscam na escola os estudantes da educação profissional e do ensino médio noturno?  
Márcio Luiz Bernardim

Ao final das visitas às dezoito escolas selecionadas, 4.143 estudantes responderam ao questionário, de acordo com a distribuição a seguir:

**Tabela 1 - Distribuição dos alunos do ensino médio pesquisados, de acordo com o tipo de oferta**

Tipo de oferta	Amostra pré-selecionada	Amostra Pesquisada *	% de resposta
Ensino Médio Regular - EMR	2.327	1.178	50,6
Ensino Médio por Blocos - EM_B**	1.690	627	37,1
Ensino Médio Integrado - EMI	675	339	50,2
Curso Técnico Subsequente - SUBS	3.888	1.617	41,6
PROEJA	165	73	44,2
Formação de Docentes - F_DOC	789	309	39,2
TOTAL	9.534	4.143	43,5

NOTA: (\*) A amostra pesquisada corresponde ao total de alunos encontrados na escola e que responderam ao questionário. (\*\*) EM\_B equivale a uma variação do EMR, cujo currículo está organizado em blocos de disciplinas/conteúdos ofertados por semestre-letivo.

Feitos os esclarecimentos sobre os critérios e contornos da pesquisa empírica realizada, passamos a apresentar os resultados do estudo.

## Quem são os estudantes e o que dizem sobre a escola

### a) Distribuição etária

Considerando a totalidade dos alunos pesquisados, verificamos que eles estão distribuídos de forma mais ou menos homogênea nas três faixas etárias da tabela a seguir:

**Tabela 2 - Distribuição dos alunos do EM noturno, por tipo de oferta e faixa etária – em % do total**

Tipo de oferta	Até 17 anos	De 18 a 24 anos	25 anos acima	Total
Ensino Médio Regular - EMR	67,4	31,5	1,1	100,0
Ensino Médio por Blocos - EM_B	58,9	39,7	1,2	100,0
Ensino Médio Integrado - EMI	52,5	46,8	0,6	100,0
Curso Técnico Subsequente	1,5	39,4	59,0	100,0
PROEJA	0,0	28,3	71,6	100,0
Formação de Docentes	19,6	39,6	40,6	100,0
TOTAL	35,0	37,6	27,3	100,0

Quando consideramos os dados por tipo de oferta, todavia, verificamos que os alunos mais jovens estão concentrados nas modalidades EMR, EM\_B e EMI, com praticamente 99% deles na faixa até 24 anos de idade.

Nas demais ofertas a realidade se inverte: no Subsequente e PROEJA os alunos estão nas faixas etárias superiores, com um perfil menos jovem no PROEJA do que no Subsequente. No curso de Formação de Docentes há perto de 20% de jovens em idade regular (até 17 anos), 40% de 18 a 24 anos e 40% de 25 anos acima.

Ainda que os alunos do PROEJA apresentem um perfil etário mais elevado, chamamos a atenção o fato de os cursos Subsequente e de Formação de Docentes contribuírem também para um alargamento da faixa etária atendida hoje pelo ensino médio.

Percebemos, assim, um híbrido etário, que põe em relação direta alunos jovens com professores mais jovens e menos jovens, mas também de alunos menos jovens com professores menos jovens e mais jovens, o que pode ser explicativo dos inúmeros conflitos escolares, que se expressam na falta de domínio dos aspectos cognitivos relacionados à área de atuação, mas também na falta de compreensão e manejo das técnicas adequadas para a operacionalização da ação educativa em um ambiente bastante diferente daquele em que se forjou a educação escolar ao longo do século XX.

De outro lado, esse híbrido etário cria na escola uma pluralidade propícia para a satisfação de outras necessidades dos estudantes, que não se limitam às aproximações etárias, mas que dependem também das interações entre alunos/colegas/professores que se identificam quanto às expectativas profissionais, grupos de pertença e projetos de futuro.

Nesse ambiente em que se espera da escola algo mais do que simplesmente o conhecimento, ganham ainda mais importância o tratamento dispensando ao estudante pela escola e a seriedade do trabalho docente.

### **b) Configurações de gênero**

A compreensão do ensino médio noturno também passa pela análise da distribuição sexual das vagas e sua influência na constituição do público de cada tipo de oferta, conforme mostra o gráfico a seguir:

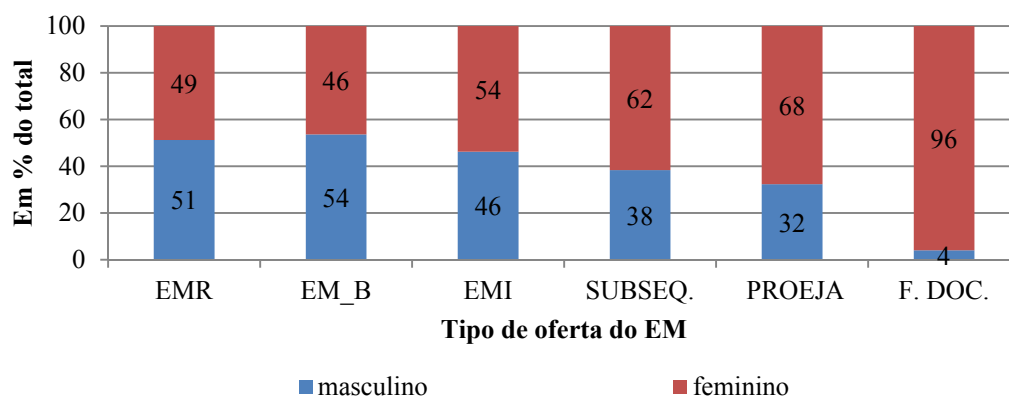


Gráfico 1 - Distribuição dos alunos do ensino médio por tipo de oferta e gênero – em % do total

Considerando a totalidade dos alunos pesquisados, a relação entre o público masculino e feminino ficou na ordem de 42 contra 58%. Já na análise por tipo de oferta, verifica-se maioria feminina em todos os tipos de oferta de educação profissional.

Partindo-se do princípio que os cursos de educação profissional, da maneira que são ofertados e percebidos pelo público em geral, apresentam maior apelo para a obtenção ou manutenção do emprego, explica-se porque são mais procurados pelas mulheres, tradicionalmente excluídas do mercado de trabalho. A lógica do mercado, captada pela sociedade, é que as mulheres ainda pouco escolarizadas só conseguem se inserir em condições menos precárias se melhorarem seu perfil educacional no ritmo que lhes permita competir com o público masculino, ainda que a maior escolarização entre elas, por si só, não seja suficiente para reduzir os índices de desemprego em patamares inferiores ao desemprego masculino, o que é, inclusive, um fenômeno verificado no mundo todo (DIEESE, 2002, *apud* REVISTA ÉPOCA, 2014; OBSERVATÓRIO DAS DESIGUALDADES, 2014).

Dessa relação entre escola e condição socioeconômica, são significativas as manifestações de dois alunos quando questionados sobre o que mais gostam na escola: 1 – “[...] só estudo para ser alguém na vida e não sofrer como meus pais sofreram. E fazer o que minha mãe mais queria: estudar e se formar”. (Aluna 60106401-20<sup>3</sup>, do Curso de

<sup>3</sup> Trata-se de um código de identificação dos alunos, de modo a preservar a identidade e proporcionar a localização no banco de dados da pesquisa



Formação de Docentes, com 19 anos); 2 – “Do curso que estou fazendo, das pessoas e o fato de saber que posso ter um salário bom com esse conhecimento”. (Aluno 40217201-03, do Curso Subsequente, 17 anos).

### c) Relação entre gênero e idade

A análise isolada das características etárias e de gênero ajuda a compreender os perfis do público que tem ocorrido ao ensino médio, mas não permite captar com profundidade as relações que as eventuais combinações entre idade e gênero expressam. A sequência de gráficos a seguir apresenta a distribuição etária combinada à distribuição sexual dos alunos do PROEJA, Subsequente e Form. de Docentes, vez que para os alunos do EMR, EM\_B e EMI a concentração é quase de 100% na faixa até 24 anos, conforme já ficou demonstrado na tabela 2 anteriormente apresentada.

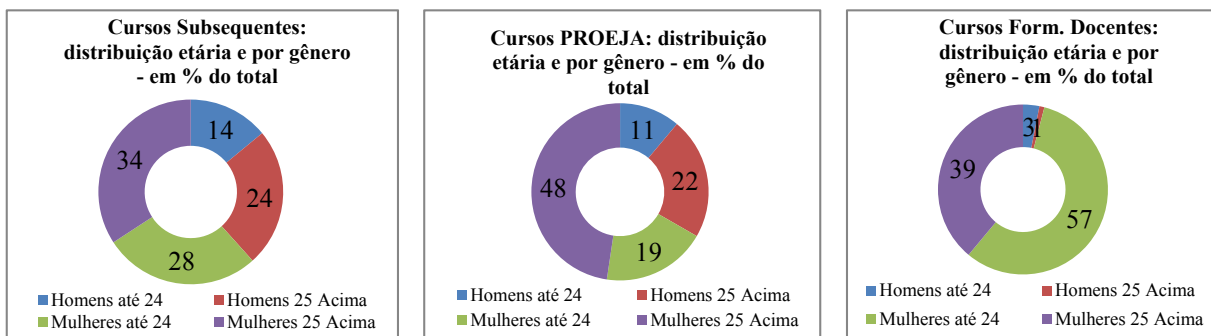


Gráfico 2 – Distribuição das ofertas de educação profissional por idade e gênero

No caso do Subsequente, as maiores parcelas do público são mulheres com mais de 24 anos (34%), seguida de mulheres com até 24 anos (28%); no caso do PROEJA, a maior parcela de alunos é de mulheres com mais de 24 anos (48% do total, ou praticamente a metade do público); no caso da Form. de Docentes, o público é basicamente feminino, sendo 57% de mulheres até 24 anos e 39% de mulheres acima de 24 anos.

Concluimos que a educação profissional, especialmente nos casos do Subsequente e PROEJA, está configurando na escola um perfil de aluno mais feminino e menos jovem,

conforme a fala de uma Aluna do Subsequente (40205301-01): “Gosto de estudar, estar com amigos, e como não tenho condições de uma faculdade [...] faço um curso técnico”.

#### d) Renda familiar

Dentre as características do público atualmente atendido pelo ensino médio noturno, que foram contempladas na pesquisa, a renda apresenta-se como uma categoria importante para a análise das relações entre a juventude e a escola e a juventude e o trabalho.

A análise das informações sobre renda precisa levar em conta a desinformação ou os equívocos a respeito dos valores informados durante a aplicação dos questionários. Os alunos mais jovens e sem experiência de emprego têm uma relação diferente com o fator renda, quando comparados com os alunos menos jovens e que já se inseriram no mercado de trabalho. Essa relação diferente pode interferir na informação fornecida, seja por não conhecê-la efetivamente, seja pela interpretação equivocada das variadas fontes de renda que a família pode ter.

Feita essa ressalva, entendemos que os dados ajudam a situar o público em relação às condições socioeconômicas da família e suas influências sobre os tipos de oferta e cursos:

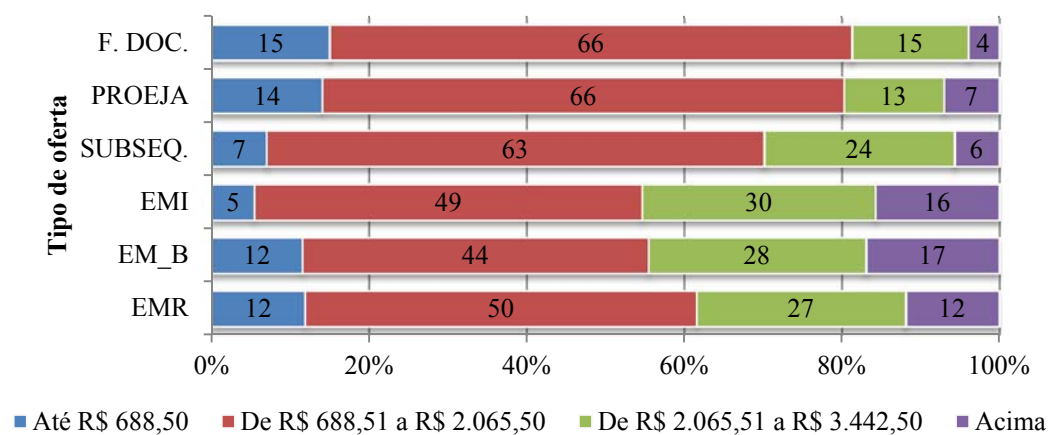


Gráfico 3 – Distribuição dos alunos do ensino médio noturno por faixa de renda familiar – em % do total

As rendas mais elevadas são dos alunos mais jovens (EMR, EM\_B e EMI), os quais possivelmente não dependem ou dependem menos do próprio trabalho para manter-se. Inversamente, aqueles menos jovens e que já têm um histórico pessoal de inserção profissional (ou através do cônjuge), apresentam as menores rendas médias (Formação de Docentes, PROEJA e Subsequente).

Combinando-se as informações de que o público do Subsequente e do PROEJA é predominantemente feminino, menos jovem e tem renda menor, constata-se que o público desses dois cursos é o que mais se ressentem da falta de escolarização (no caso dos alunos do PROEJA) ou do não prosseguimento dos estudos em nível superior (no caso dos alunos do Subsequente), cabendo indagar se estão na escola efetivamente em busca de formação profissional e se associam essa formação a melhores condições de emprego e renda futura.

#### e) Análise da oferta dos cursos de educação profissional

A pesquisa também mostrou que a oferta de cursos ocorre diferentemente entre os tipos de oferta, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro 1 – Cursos encontrados para cada tipo de oferta de educação profissional

EMI	SUBSEQUENTE	PROEJA
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Administração</li> <li>▪ Comunicação e Arte</li> <li>▪ Informática</li> <li>▪ Logística</li> <li>▪ Meio Ambiente</li> <li>▪ Secretariado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Administração</li> <li>▪ Arte dramática</li> <li>▪ Contabilidade</li> <li>▪ Edificações</li> <li>▪ Enfermagem</li> <li>▪ Guia de Turismo / Turismo</li> <li>▪ Informática</li> <li>▪ Logística</li> <li>▪ Meio Ambiente</li> <li>▪ Produção Áudio-visual</li> <li>▪ Recursos Humanos</li> <li>▪ Saúde Bucal</li> <li>▪ Secretariado</li> <li>▪ Segurança do Trabalho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Administração</li> <li>▪ Enfermagem</li> <li>▪ Informática</li> <li>▪ Meio Ambiente</li> <li>▪ Segurança do Trabalho</li> </ul>

Os cursos com maior número de matrículas em relação ao total, considerando os três tipos de oferta acima, são Administração, com 38%, Segurança do Trabalho, com 19%, e Logística,

com 9%. Quanto aos tipos de oferta, os cursos com maior número de matrículas são os a seguir apresentados:

Tabela 3 – Cursos da educação profissional com maior número de matrículas

Tipo de oferta	Cursos	% do total da oferta	% dos que frequentam o curso	
			Homens	Mulheres
EMI	Administração	78	44	56
	Logística	10	52	48
	Informática	7	48	52
	Outros	5	-	-
Subsequente	Administração	29	23	77
	Segurança do Trabalho	24	46	54
	Trabalho	10	65	35
	Logística	37	-	-
	Outros			
PROEJA	Administração	40	38	62
	Enfermagem	32	0	100
	Meio Ambiente	15	45	55
	Outros	13	-	-

Enquanto nos casos do Subsequente e do PROEJA há uma distribuição um pouco mais equilibrada de oferta entre cursos distintos, no EMI há uma profusão de matrículas e, posteriormente, de egressos de uma matriz curricular técnica de Administração, o que pode estar representando, por um lado, uma resposta da escola às demandas do mercado de trabalho, ou, por outro, a oferta de um curso cujo custo de manutenção é menor.

Os dados também mostram que as mulheres continuam predominando na busca de formação na área de serviços administrativos e de saúde, e começam a se inserir, no que se refere à educação profissional, em áreas tradicionalmente ocupadas por homens, como é o caso da Segurança do Trabalho.

#### f) Motivações para frequentar a escola

Com esta questão objetivamos captar os fatores que mais contribuem: para a realização da última etapa da educação básica, no caso dos jovens em idade regular (15 a

17anos); para a busca da formação técnica, no caso dos alunos matriculados no Subsequente; ou para o retorno à escola, no caso dos jovens e adultos que por algum motivo haviam abandonado a educação escolar na idade regular.

Para analisar as aproximações e distanciamentos das motivações apontadas pelos alunos, segmentamo-las por tipos de oferta e, dentro delas, por grupos etários e por sexo:

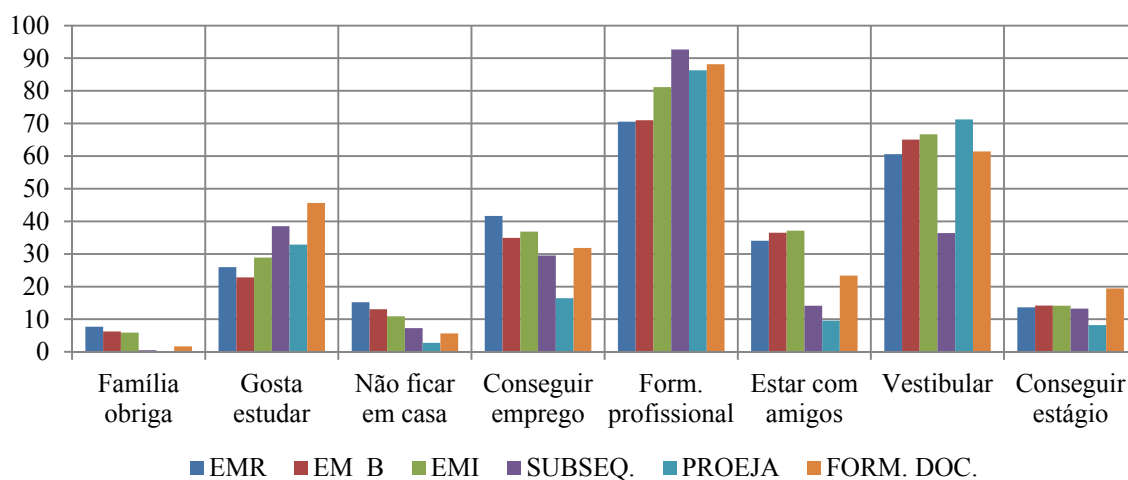


Gráfico 4 – Motivações apresentadas pelos alunos do ensino médio para frequentar a escola – em % do total e possibilidades de múltiplas respostas

A análise dos dados, por categoria de respostas e tipo de oferta, mostra que: o fator “a família obriga”, embora não desprezível se considerarmos o tamanho da amostra, é estatisticamente pouco significativo, ganhando mais sentido para alunos mais jovens, que estão no EMR, EM\_B e no EMI; o fator “gosta de estudar” foi citado por alunos de todas as ofertas indistintamente, sendo mais significativo para alunos menos jovens (do Subsequente, do PROEJA e da Form. de Docentes); o fator “para não ficar em casa” foi lembrado também pelos alunos mais jovens, principalmente do EMR, EM\_B e EMI; o fator “conseguir emprego” é bastante significativo para todas as ofertas, sendo menos lembrado pelos alunos do PROEJA; o fator “formação profissional” foi o mais lembrado por todos, com destaque ainda maior para os que têm como escopo a diplomação técnica (EMI, Subsequente, PROEJA e Form. de Docentes); o fator “estar com amigos” também foi bastante lembrado por alunos mais jovens (do EMR, do EM\_B e

do EMI); o fator “preparação para o vestibular” foi amplamente lembrado por todos, com uma incidência menor entre os alunos do Subsequente; o fator “conseguir estágio” foi pouco lembrado, com uma incidência maior entre os alunos da Form. de Docentes.

Em resumo, podemos dizer que os alunos do EMI apresentam como principais razões para frequentar a escola: a formação profissional, a continuidade dos estudos no ensino superior, a convivência com amigos e a obtenção de um emprego.

Para os alunos do Subsequente, as principais motivações são: a formação profissional, o fato de gostar de estudar, a continuidade dos estudos e conseguir emprego. Se segmentarmos esses alunos por idade, o grupo até 24 anos oferece um aumento nos fatores continuidade dos estudos, convivência com amigos e para não ficar em casa.

Para os alunos do PROEJA, as principais motivações são: a formação profissional, a continuidade dos estudos, gostar de estudar e conseguir um emprego. Segmentando-os por idade, o grupo até 24 anos apresenta maior interesse de fazer vestibular (95% contra 60% daqueles acima dessa faixa) e tem menos gosto pelo estudo (só 16% contra 40%).

### **g) Motivações para não desistir da escola**

Diferentemente das respostas sobre as motivações para a vinda, as respostas a respeito das motivações para a não desistência da escola ajudam a explicar/reforçar o interesse inicial e a desvelar os motivos da permanência, ainda que os objetivos que determinaram a vinda não estejam sendo plenamente satisfeitos. Pode haver, por exemplo, situações de alunos que vêm para a escola para obter formação profissional e, mesmo sentindo que essa expectativa não será suprida ao final do curso, ainda assim não desistem de estudar, movidos por outros fatores acionados nesse percurso escolar, como a convivência com os colegas e professores. O gráfico a seguir apresenta elementos que nos permitem melhor compreender o interesse de permanecer na escola:

Quem são e o que buscam na escola os estudantes da educação profissional e do ensino médio noturno?  
Márcio Luiz Bernardim

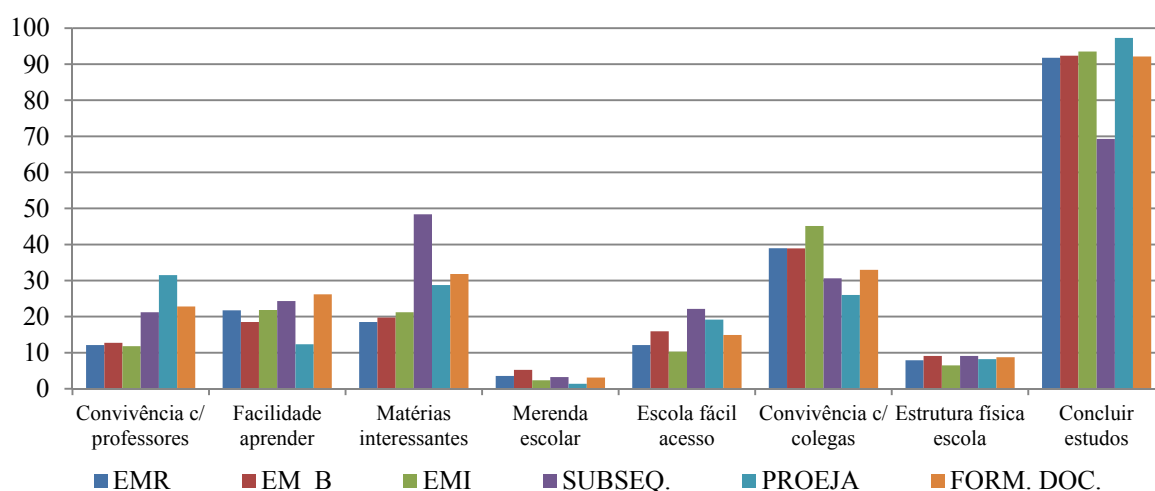


Gráfico 5 – Motivações dos alunos do ensino médio para não desistir da escola – em % do total e possibilidades de múltiplas respostas

A “conclusão dos estudos” está para a não desistência da escola assim como a “formação profissional” está para a motivação de frequentá-la. A menor incidência do fator “concluir estudos” entre os alunos do Subsequente é coerente com a menor incidência do fator “para fazer vestibular” na questão sobre a motivação para vir à escola e, ainda, com a resposta de que as “matérias são interessantes” por parte desses alunos, que encontram a satisfação no curso em si e não necessariamente em projetos de futuro.

Todos valorizam a convivência com colegas como fator importante para não desistir da escola, mas esse fator é potencializado no caso dos alunos mais jovens (do EMR, EM\_B e EMI). De outro lado, os alunos menos jovens, concentrados no Subsequente, PROEJA e Formação de Docentes, valorizam mais do que seus colegas mais jovens, a convivência com os professores.

A “facilidade de aprender”, que é lembrada por aproximadamente 20% dos alunos como fator que inibe a desistência, apresenta um índice bem menor para os alunos do PROEJA, o que indica que mesmo não tendo facilidade para aprender, o que os mantém na escola é a necessidade de concluir os estudos, a convivência com os professores e o acesso ao conhecimento.

Na sequência apresentamos uma série de gráficos fazendo o cotejamento entre as quatro principais motivações apresentadas pelos alunos tanto para vir quanto para não

desistir da escola. Como entre alunos do EMR e do EMI verificou-se o mesmo padrão de respostas, foram considerados conjuntamente:

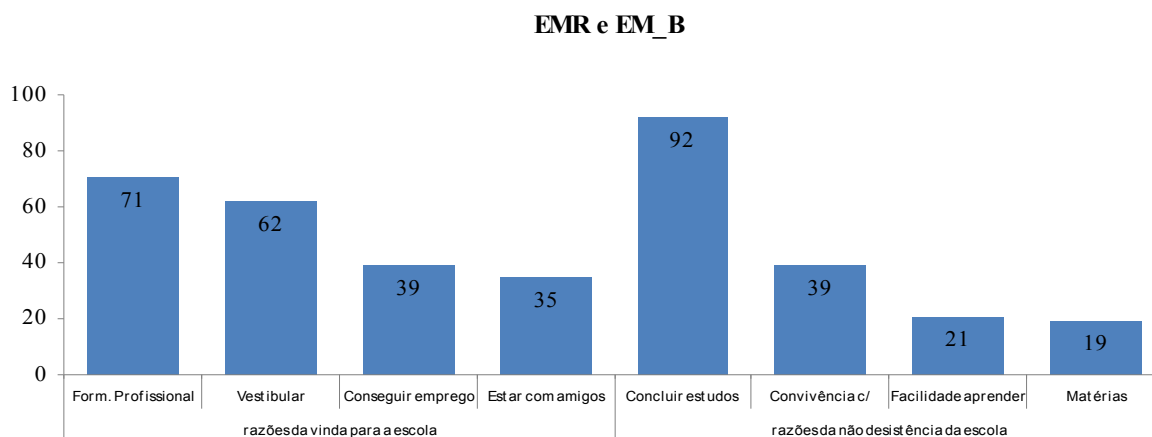


Gráfico 6 – EMR e EM\_B: razões para vir e para não desistir da escola – em % do total e possibilidade de múltiplas respostas

Tomando-se como ponto de partida os dados do EMR e do EM\_B e considerando-os, para efeito de análise, como padrão do ensino médio noturno no Brasil, percebe-se que continuam sendo predominantes as associações desse nível escolar com a formação para o trabalho, e a consequente obtenção de um emprego, além da preparação para o vestibular. Mas a pesquisa também aponta como importante a busca do ensino médio como oportunidade de convivência com amigos. Considerando-se que essa convivência pode se dar em outros espaços que não o estritamente escolar, concluímos que a escola funciona como mediadora na satisfação da necessidade de sociabilidade dos jovens.

Quanto às razões mais expressivas para não desistir da escola, desponta a necessidade de concluir os estudos, o que, em tese, corresponderia às motivações iniciais de busca de formação profissional, obtenção de emprego e preparação para o vestibular. A resposta que dá destaque à convivência com os colegas legitima a motivação inicial para vir à escola, enquanto as respostas “facilidade de aprender” e “matérias interessantes” surgem como fatores coadjuvantes para a não desistência dos estudos.

Podemos especular que se não fossem a determinação para concluir os estudos (muito provavelmente pelas sutilezas da imposição social e da família) e a necessidade/oportunidade de convivência com os colegas, a escola estaria destituída de



maior sentido para esse público mais jovem, o que poderia acarretar índices de evasão ainda maiores, conforme atestam muitos estudos. De acordo com Silva e Braga (2012),

é válido dizer que a evasão está relacionada não apenas à escola, mas também à família, às políticas de governo e ao próprio aluno. Todo esse contexto faz com que o estudante do Ensino Médio deixe de acreditar que a escola contribuirá para um futuro melhor, já que a educação que recebe é precária em relação ao conteúdo, à formação de valores e ao preparo para o mundo do trabalho.

Ao analisarmos os dados do EMI, conforme gráfico 7 a seguir, concluímos que o padrão de respostas é basicamente o mesmo do EMR e do EM\_B, com pequenas e insignificantes variações nos percentuais de resposta que enfatizam a formação profissional e a preparação para o vestibular como fatores de motivação para vir à escola e a convivência com os colegas como fator impeditivo da desistência. É possível que tais variações se deem mais pelo fato de os alunos do EMI já estarem influenciados pelo curso do que propriamente em função das motivações genuínas pré-existentes ao ensino médio.

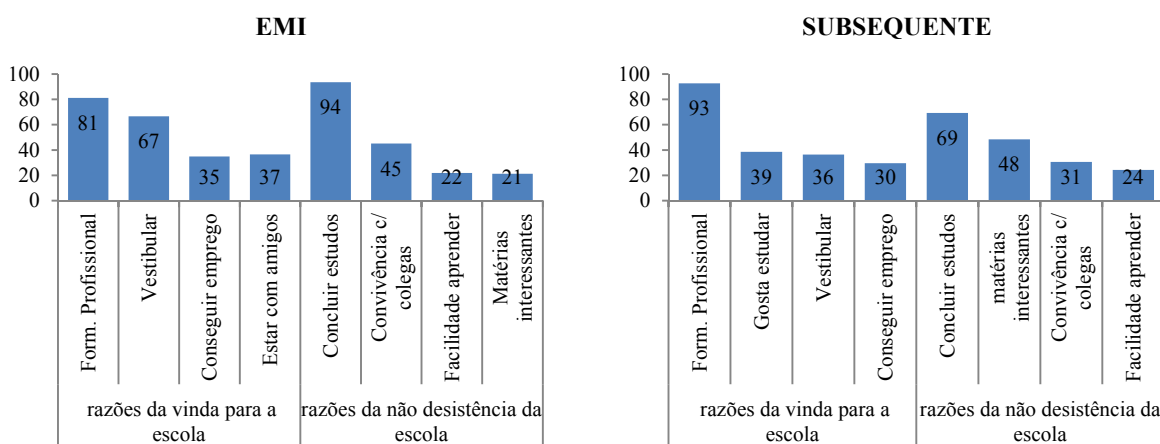
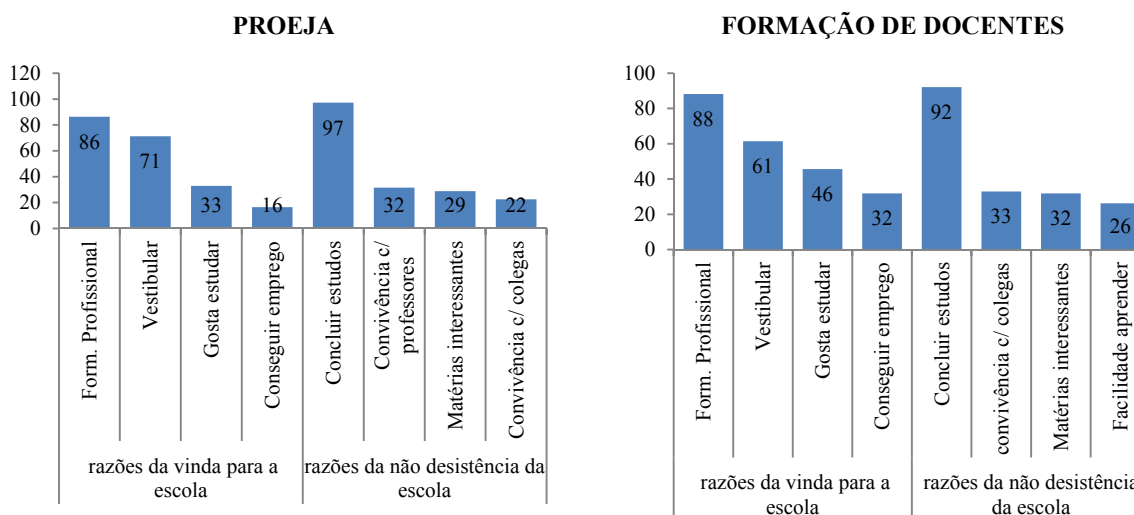


Gráfico 7 – EMI e Subsequente: razões para vir e para não desistir da escola – em % do total e possibilidade de múltiplas respostas

Já no caso do Subsequente percebemos uma mudança no padrão de respostas, perdendo importância entre as motivações para vir à escola o fator “estar com amigos”, que é substituído pelo fator “gostar de estudar”. Entre as motivações para não desistir da escola, a “conclusão dos estudos” já não é tão importante, pela própria característica do

Quem são e o que buscam na escola os estudantes da educação profissional e do ensino médio noturno?  
Márcio Luiz Bernardim

Subsequente, havendo uma inversão no grau de importância dos demais fatores, enfatizando-se as “matérias interessantes” e minimizando-se o poder motivacional da “convivência com os colegas”.



**Gráfico 8 – PROEJA e Formação de Docentes: razões para vir e para não desistir da escola – em % do total e possibilidade de múltiplas respostas**

No caso do PROEJA o padrão de respostas se assemelha ao Subsequente, quando dá ênfase ao fator “gostar de estudar”, mas se diferencia quando deixa de considerar “estar com os colegas” como fator importante. Quanto às razões para não desistir da escola a ênfase recai, acima de todos os outros tipos de oferta, no desejo de concluir os estudos, aparecendo como importante, ainda, o fator “convivência com os professores”, não lembrado de forma tão expressiva pelas demais modalidades. A “facilidade de aprender” não aparece entre razões importantes para continuar estudando, o que se compreende pelas características desse público, menos jovem e há mais tempo fora da escola.

Por fim, os alunos da Formação de Docentes repetem o padrão dos alunos do PROEJA, apenas substituindo a “convivência com professores” pelo fator “facilidade de aprender” como razão para não desistir da escola.

## Considerações Finais: da empiria aos achados

A coleta, compilação e análise dos dados obtidos junto aos alunos e das percepções decorrentes das visitas às escolas contribuíram para a compreensão dessa etapa educacional e dos elementos que a configuram com uma nova significação no contexto da educação escolar, o que implica na retomada do ensino médio pelo que ele é na realidade concreta contemporânea e não pelo que ele foi um dia, ou que se pretendia que fosse.

As políticas educacionais voltadas ao ensino médio, que se materializam nos programas que visam a induzir a ampliação das matrículas, têm se refletido na alteração do padrão etário do seu público, tornando-o bastante diversificado.

Se para o ensino médio regular esse padrão mantém-se próximo daquela que é considerada a idade regular dessa etapa (15 aos 17 anos), no caso da educação profissional verifica-se grande heterogeneidade. Essa distribuição configura um novo perfil etário na escola de ensino médio, elevando a média de idade dos alunos, mas mantendo, ao mesmo tempo e no mesmo espaço, a convivência entre alunos/turmas de variadas configurações de idade, gênero, experiência profissional e renda.

Além de os cursos Subsequentes, PROEJA e Formação de Docentes abrigarem alunos com um perfil etário mais ampliado, também são os que atraem maior contingente feminino. Assim, uma característica desses cursos é a de contarem com um público menos jovem, mais feminino e mais pobre.

Com relação à educação profissional, permanece a concentração da oferta em poucos cursos com muitos alunos e muitos cursos com poucos alunos. Parece haver um nó a ser desfeito e que se relaciona com a qualidade da oferta e contenção da evasão e que passa pelo planejamento e gestão do custo de implantação e da matriz curricular, que nem sempre consideram os reflexos do déficit escolar dos públicos distintos que chegam para o mesmo curso. Além disso, proliferam cursos de formação para as áreas administrativas, observando-se o ingresso de mulheres em cursos tradicionalmente buscados pelo público masculino.

O conjunto de dados nos permite concluir que os alunos mais jovens, independentemente do tipo de oferta cursada, não se sentem muito motivados para vir à escola, apresentando como justificativa a falta de tempo para convivência e para as atividades esportivas, além de uma crítica contundente à falta de interesse/responsabilidade/qualificação do corpo docente. Se continuam vindo à escola, isso ocorre porque assimilaram o discurso da sociedade de que o ensino médio é um requisito para ingressar no mercado de trabalho, ou uma exigência para dar continuidade aos estudos. Do ponto de vista intraescolar, o que os move são, ainda, as oportunidades de convivência, o aprendizado e a certificação.

Embora a formação e a conclusão dos estudos sejam os principais motivos para vir para a escola, o fator que ganha destaque, depois de matriculados, é a “convivência”, considerada “indispensável” pelos alunos mais jovens, e “importante” pelos demais. No caso específico dos alunos do PROEJA, mais importante que a convivência com os colegas é a convivência com os professores. Atípico é o resultado dos alunos do Subsequente, que também valorizam a convivência, mas parecem dar mais importância à necessidade de aprender e à relação com o conhecimento em si.

Assim, do modo como se situa no cenário da educação escolar atual, que responde improvisadamente à indução das políticas públicas e às demandas sociais, parece que a escola de ensino médio incorpora as demandas de dois públicos: i) os mais jovens, tanto do regular quanto da educação profissional, que não encontram na escola um sentido próprio a não ser pelo seu caráter transitório, que se consuma na certificação e/ou na habilitação para a continuidade dos estudos; ii) os menos jovens e mais pobres, que encontram na escola, possivelmente, a única oportunidade pública/gratuita de continuar aprendendo (caso do Subsequente) e/ou de obter ascensão socioeconômica.

Por fim, podemos dizer que os alunos mais jovens e menos pobres optam pelo percurso tradicional do ensino médio propedêutico, tido como carreira ideal para quem tem interesse de continuar os estudos em nível universitário. Os demais, tanto os mais jovens quanto os menos jovens, que combinam situação econômica menos privilegiada, comprometimento de renda com a família e sensação de incapacidade para a continuidade dos estudos em nível superior, esses optam pela educação profissional.

Quem são e o que buscam na escola os estudantes da educação profissional e do ensino médio noturno?  
Márcio Luiz Bernardim

Nesse grupo também há uma segmentação: os mais jovens estão no EMI ou na Formação de Docentes (mulheres), os menos jovens estão no PROEJA e os da faixa etária intermediária estão no Subsequente.

Os dados apresentados e analisados neste texto fazem parte de uma pesquisa mais ampla, que vai sendo socializada com a publicação de um conjunto de textos que se complementam. Aproveitamos para agradecer à CAPES (pela concessão de bolsa de doutorado), aos estudantes e às equipes administrativo-pedagógicas das escolas, que compreenderam a importância de participar do estudo e de fornecer os dados necessários à compreensão do ensino médio e da educação profissional.

## Referências

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n. 8.035**, de 20 de dezembro de 2010. Aprova o Plano Nacional de Educação para o Decênio 2011-2020 e dá outras providências. Disponível em:  
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=490116>. Acesso em 10 jun. 2013.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n. 6.840**, de 27 de novembro de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para instituir a jornada em tempo integral no ensino médio, dispor sobre a organização dos currículos do ensino médio em áreas do conhecimento e dá outras providências. Disponível em:  
[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=FoFAB0523E2A6D141A35B69A4CD346C1.proposicoesWeb2?codteor=1200428&filename=PL+6840/2013](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=FoFAB0523E2A6D141A35B69A4CD346C1.proposicoesWeb2?codteor=1200428&filename=PL+6840/2013). Acesso em: 12 abr. 2014.

BRASIL. **Lei Federal 12.061**, de 28 de outubro de 2009. Altera o inciso II do art. 4º e o inciso VI do art. 10 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para assegurar o acesso de todos os interessados ao ensino médio público. Disponível em:  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l12061.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12061.htm)

BRASIL. **Lei Federal 12.513**, de 26 de outubro de 2011. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) e altera outros dispositivos. D. O. U., Brasília, 27 out. 2011. Disponível em: <http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei-12513-2011.htm>. Acesso em: 10 jun. 2013.

Quem são e o que buscam na escola os estudantes da educação profissional e do ensino médio noturno?  
Márcio Luiz Bernardim

CARRANO, Paulo C. R. O ensino médio na transição da juventude para a vida adulta. In: FERREIRA, Cristina A. et. al. (Org.). **Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio**. Rio de Janeiro: EPSJV, UFPR, 2010.

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em administração**: Um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005.

CORTI, Ana P. O. Que ensino médio queremos? Uma experiência de diálogo com escolas públicas. In: FERREIRA, Cristina A. et. al. (orgs.). **Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio**. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Juventude - "Olha, eu estou aqui e quero participar!". In: Desafios do Desenvolvimento, 2008, Ano 5, n. 42. Disponível em:  
[http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2230:catid=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2230:catid=28&Itemid=23). Acesso em: 29 set. 2013.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. **Programa Ensino Médio Inovador. Documento Orientador**. Brasília: set. 2009. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento\\_orientador.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_orientador.pdf). Acesso em: 14 abr. 2014.

OBSERVATÓRIO DAS DESIGUALDADES. **Desemprego nos países da UE-27**. Disponível em:  
<http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=indicators&id=79>. Acesso em: 13 abr. 2014.

REVISTA ÉPOCA. **Apesar de escolaridade maior, desemprego entre mulheres é mais alto**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR56017-6012,00.html>. Acesso em: 13 abr. 2014.

SILVA, Manoel R.; BRAGA, Maria E. B. P. **Causas e consequências da evasão escolar na Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida – Bananeiras / PB**. UFPB, Departamento de Economia: 2012. Disponível em: [http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/causas\\_e\\_consequencias\\_da\\_evasao\\_escolar\\_na\\_escola\\_normal\\_estadual\\_professor\\_pedro\\_augusto\\_de\\_almeida\\_a\\_bananeiras\\_\\_pb\\_1343397993.pdf](http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/causas_e_consequencias_da_evasao_escolar_na_escola_normal_estadual_professor_pedro_augusto_de_almeida_a_bananeiras__pb_1343397993.pdf). Acesso em: 13 abr. 2014.

SIMÕES, Carlos A. Políticas públicas do ensino médio: realidade e desafios. In: FERREIRA, Cristina A. et. al. (orgs.). **Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio**. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010.